

A VIDA NAQUELA HORA

A VIDA NAQUELA HORA

João Anzanello Carrascoza



editora scipione

ENTRE DUAS MARGENS

Fernando Paixão

Um menino que descobre com o tio o mundo dos cavalos e da fazenda. Um pai que leva o filho para assistir com os amigos a um jogo da Copa do Mundo. Ou uma família que arruma a casa nova, para onde acabou de se mudar. É a partir de situações assim, possíveis de ocorrer a qualquer um, que se articulam as histórias reunidas em *A vida naquela hora*.

Pode acontecer de os acontecimentos serem inusitados, provocando ação e um enredo inesperado. Mas raramente é assim. No mais das vezes, o importante está no modo como os personagens se relacionam, quase sempre de maneira sutil e indireta, entrecortada de silêncios. Como no caso da menina que viaja de trem com a mãe para ver a avó doente; ela não sabe bem o que está acontecendo...

O que nos leva a considerar que a escrita de João Anzanello Carrascoza se mantém atenta a uma dupla visão — e essa é sua maior riqueza como escritor. Sabe como contar os fatos ou descrever os gestos e as falas, mas ao mesmo tempo sugere os pensamentos e reações íntimas que despertam.

De tal modo que estas narrativas apresentam o chamado lado “de fora”, envolvendo os grandes e pequenos acontecimentos, mas com especial interesse também captam o que se passa com o lado “de dentro” das pessoas. Ângulos diferentes da realidade e que se complementam — como as duas faces de uma moeda.

E, como neste livro temos muitas crianças protagonistas, durante a leitura entramos em contato com o universo da infância e suas inquietações próprias. As histórias ganham interesse porque revelam situações de transformação íntima. Personagens que não compreendem os adultos e mudam sua visão de mundo porque entram em contato (sensível) com vivências novas.

A mesma sensibilidade é vivenciada pelo leitor, quando se deixa envolver pelo texto: será levado a ler os contos a partir de seus fatos externos, mas igualmente atento às repercussões

subjetivas em jogo. Sutileza que só a boa literatura consegue captar, principalmente quando se refere às primeiras experiências do crescimento.

Carrascoza sabe como nos despertar para essa compreensão silenciosa da vida. A qualquer hora que mereça ser contada.

Fernando Paixão é poeta e professor do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Sumário

11	Tango
25	Ponto colorido
39	Sim
51	Ana
73	Amor-menino
85	Nova casa
95	Credencial
107	Primeiras letras



TANGO

Ainda estava escuro quando a mãe o acordou. Deitara-se mais cedo do que em outras noites, ansioso para que amanhecesse logo: ia com o tio à fazenda. Mas quando ela o chamou, *Acorda, filho*, ainda não havia sol, era dia apenas dentro dele, onde pulsavam o desejo e o medo da estrada.

O tio, já vestido, bebericava à mesa o café, a sorrir-se, em minutos se poria a caminho, de retorno a suas terras, o olhar gordo de sono, o do menino faminto de interesse, e se tardaria para o dia clarear, a promessa de revelações raiava no silêncio da casa. A mãe, com doçura, disse, *Vê se não dá trabalho pra tua tia*, o pai a enfiar-lhe uns dinheiros no bolso, *Respeita teu tio*, e beijos, e, *Vamos, vamos, toma teu leite*, e, *Pronto, pega aqui a tua mochila*, e, *Não se esqueça de escovar os dentes*, e, *Leva essa*

revista pra te distrair, e, já na caminhonete, o menino a ver a casa se afastando, como uma margem, ele em direção à outra, tão distante — a fazenda.

Saíram da cidade ruidosos, o motor fraturando a quietude das ruas úmidas de noite, as luzes dos postes acesas, o palor do horizonte, a mãe e o pai acenando, faces mal definidas na penumbra, o menino, preso ao cinto de segurança, à esperança e ao espanto de enfrentar o novo, a mão também a dar adeus para os dois e para si mesmo, que ali se deixava. Afastaram-se, o menino a ouvir a respiração do tio, mas só consigo, vencendo os primeiros metros da estrada, sem perceber que crescia, crescia, crescia, a felicidade falando tanto que ele ia mudo, pensando no já-lá, com os primos, cercado de campos e céus.